

O SR. JARBAS PASSARINHO (PDS — PA) — Sr. Presidente, Srs. Constituintes, hoje, mais leitores do que ouvintes.

Falo em nome do meu partido por delegação do meu líder.

Vinte meses são passados, desde que iniciamos nossos trabalhos. Árdus para a maioria, que veio aqui e que a eles se devotou. Compensadores do esforço despendido, sob a direção singularmente competente do Deputado Ulysses Guimarães, severo quando necessário, paciente sempre, fraternal freqüentemente. (Palmas.) Justo é reconhecer-se que S. Ex.^a é o marco referencial desta Constituinte. (Palmas.)

Estamos a concluir um texto polêmico, resultante do entrecchoque da inércia da tradição com a força motora das mudanças. Estas impelidas pelos ventos de renovação; aquelas, tendentes à resistência às modificações.

Meu partido, reduzido em número, teve, porém, presença marcante, quer pela assiduidade, em que proporcionalmente nos destacamos, quer na defesa dos postulados de nosso programa reformista, equidistante do imobilismo conservador, como da utopia revolucionária. Os imponderáveis da vida atingiram-nos, também. Ao lado da alegria pelo nosso desempenho, tivemos a tristeza de uma perda dolorosa. Em pleno trabalho profícuo, reconhecido por todos como um dos artífices mais valorosos da Constituição, abateu-se um de nossos quadros mais expressivos, um trabalhador infatigável, talentoso e competente: o Senador Virgílio Távora. (Palmas.) A sua assinatura falará nos autógrafos da Carta, mas ele estará presente, nítido, no seu conteúdo, no que tiver de melhor. Honra seja feita à sua memória!

Sem renegar nosso passado, convivemos civilizadamente com aqueles que conosco se antagonizam ideologicamente, inclusive com os que combateram, de armas nas mãos, o regime de que fomos o braço político, mas o braço político responsável, em grande parte, pelo que, hoje, estamos aqui a concluir, pois que foi o nosso partido, quando maioria no Congresso, responsável pela anistia, responsável pela eliminação do bipartidarismo que deu oportunidade a que líderes, que tinham resistido à erosão do exílio, estejam, hoje, em posições relevantes na política nacional. (Palmas.) Responsável, ainda, pelas eleições diretas, restauradas em 1982, graças as quais alguns desses líderes, que foram anistiados, chegaram a governar os seus Estados. E, finalmente, responsável, por uma proposta de emenda à Constituição, de iniciativa do Presidente João Figueiredo, que restaurava as eleições diretas para Presidente da República exatamente neste ano de 1988 e que, infelizmente, foi retirada graças à radicalização das oposições na ocasião. Um dos detratores da futura Carta Magna, ressentido, certamente, viu nessa convivência entre nós, que nos opusemos ideologicamente, uma acomodação censurável, segundo S. Ex.^a chamou. Ao revés, nela, energeo um dos vetores mais responsáveis pela obtenção de um texto equilibrado, que na sua maioria traduz a identidade com os anseios e as conquistas do Brasil real, que palpita nas ruas e em todos os caminhos, permeia o campo e a cidade, as fábricas e as lavouras, sacode as assembleias, fertiliza as idéias e acabou por desaguar irresistível neste plenário. Nesta Casa não olhamos nossos adversários de ontem como aq-

tuadores incendiários, nem eles a nós como menos patriotas.

A convivência há de nos ter feito repensar conceitos, que tínhamos por definitivos, e a abandonar estereótipos, que a propaganda criou. Eles foram úteis, sim, na obtenção de avanços sociais indiscutíveis. Nós não o fomos menos, inclusive na contenção dos excessos, ainda que alguns estejam consagrados em dispositivos de indistigável e dispensável reserva quanto ao capital estrangeiro, e vocação estatizante, em alguns dispositivos que longe de ser progressista retroage a equivocadas idéias sepultadas nos anos 50.

Com a próxima promulgação da Carta Magna de 88, eu não diria encerrada, mas perto disso, a delicada transição que vimos fazendo, desde 1979, do autoritarismo, para a democracia plena. Como solução de compromisso entre a segurança do Estado e a garantia das liberdades fundamentais da pessoa humana, comprova-se a lição histórica — e é interessante salientar esse ponto — enquanto o autoritarismo tende para liberalização, esta é esmagada como veleidade insuperável pelo totalitarismo. Compare-se, para um só exemplo, a evolução do caso brasileiro, de 1979 para agora, autoritário, com o esmagamento brutal da "Primavera de Praga".

Da "democracia governada", em que o povo abandona a sua soberania em favor de seus representantes, estamos tentando passar para a "democracia governante", em que é ampla a participação popular. Haverá os que a criticam por acharem-na tímida; ao revés, haverá os que a tomem por excessiva. Força é atentar para o fato de que a democracia, como qualquer conceito social, submete-se a permanente processo de mutação. Deve ser reexaminada constantemente, de modo a adaptar-se aos tempos de mudança e incorporar suas forças dinâmicas à vida da sociedade. Vai, pois, a Constituição ser submetida à dura prova da eficácia, na prática. O futuro dirá se ela, que não é fruto de um só homem, de um só grupo, nem mesmo de um só partido, resistirá aos embates do tempo. Ingovernável, ela certamente não torna o País. Requererá, isso sim, talento para o exercício do governo. (Palmas.) Praza aos céus que as dificuldades que ela gerar não sirvam de pretexto para armar o braço dos que pensam colocar, acima da vontade nacional, as suas convicções pessoais contrariadas ou seus interesses não satisfeitos. Dentro em dias selaremos nossa opção histórica, jurando cumprir a Constituição de 1988. Afinal, se ela não é a Constituição de nossos sonhos — como certamente não o será de todos — representa a vontade soberanamente expressada pela Assembléia Nacional Constituinte neste plenário. Ninguém poderá arrogar-se o direito de insurgir-se contra ela, seja qual for o seu poder ou a sua importância. (Palmas.)

O PDS vota "sim". (Muito bem! Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Ulysses Guimarães) — Reitero a manifestação, vinda de quem veio, de um dos homens de maior talento político deste País. As expressões que dizem respeito ao Presidente desta Casa, evidentemente as registrarei como uma grande recompensa de motivação.

Muito obrigado, Presidente Jarbas Passarinho. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Ulysses Guimarães) — Tem a palavra o Sr. Constituinte e Líder Fernando Henrique Cardoso.

Reitero o apelo para que os Srs. Constituintes que se encontrem fora venham ao plenário, pois avizinha-se o momento da votação.

O SR. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (PSDB — SP. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Membros da Assembléia Nacional Constituinte, ao dirigir a palavra a V. Ex.^a, nesta tarde, representando o meu Partido, o PSDB, quero, em primeiro lugar, transmitir aos nossos Companheiros de Constituinte o sentimento do PSDB de gratidão, de enorme gratidão pelo esforço feito por todos, e esse todos abarcam não apenas os Constituintes aqui presentes e os que mais estiveram presentes, mas abarca, também, a imensa legião de funcionários desta Casa que, desde o momento em que fazíamos o Regimento Interno, tornaram viável uma Constituição que, além da contribuição de todos nós, contou também com a imensa colaboração do povo brasileiro.

Pela primeira vez na História — não sei se apenas na História do Brasil — se faz uma Constituição com a colaboração direta da cidadania. Recebemos aqui nesta Casa milhões de assinaturas encaminhando as chamadas emendas populares, e todo o receio que havia sido despertado no início, pelo fato de que decidimos abrir o debate constitucional à sociedade civil e permitir que aqueles que não foram eleitos constituintes pudessem participar desta grande revisão da vida brasileira, todo temor que essa atitude despertou rapidamente se dissipou, porque verificamos que, na verdade, pela primeira vez na História do Brasil, teremos uma Constituição que espelha os anseios de boa parte do País, e que se não foi possível aprovar todas as emendas populares, boa parte daquilo que estava contido nelas influenciou as decisões desta Casa. E se antes já havíamos iniciado um debate constitucional que alcançava setores significativos da população brasileira, e a Comissão Afonso Arinos é exemplo disso, foi a partir de uma decisão desta Constituinte que foi possível generalizar a preocupação com a nova Constituição para todo o povo brasileiro.

Sr. Presidente, Srs. Constituintes, tão importante quanto as normas que estamos aprovando é o fato de que, talvez pela primeira vez na História do Brasil, o nosso povo tenha sentido de perto o que é a consciência de seus direitos. Para nós, no Brasil, o mesmo processo que na Europa se desenrolou lentamente, através da ampliação da cidadania, pela organização da sociedade e pela pressão dessa sociedade, aqui, num curto espaço de tempo, o País inteiro entendeu que sem direitos assegurados não há liberdade e sem liberdade não há avanço social. (Palmas.)

Esse processo é tão importante quanto as normas escritas que o Constituinte Bernardo Cabral, com tanta competência, soube redigir.

Srs. Constituintes, a nossa transição democrática poderá até mesmo ter sido considerada, sem injustiça, como uma transição preguiçosa. Ela espraçou-se no tempo, e esta Assembléia é exemplo disso. Durante quase dois anos debruçamo-nos sobre as grandes questões e as pequenas questões, com o maior empenho, empenho das Lideranças, empenho de milhares de pessoas que para cá vieram e transformaram este Congresso num grande ponto de encontro do Brasil. Vimos